

# OS BENEFÍCIOS DA AUTOAVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Sandra Maria da Silva Leite

Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, [sandramsleite@gmail.com](mailto:sandramsleite@gmail.com)

## RESUMO

O artigo apresenta uma discussão teórica do conceito de avaliação da aprendizagem e sobre a importância da autoavaliação dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem, na realização do Estágio Curricular Supervisionado. O objetivo do estudo é analisar os benefícios da autoavaliação da aprendizagem, dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem, no Estágio Curricular Supervisionado. Entre os resultados obtidos destacamos que a avaliação deve ser, sempre que possível, acompanhada pela autoavaliação. A análise dos argumentos dos teóricos afirma a importância de oportunizarmos à autoavaliação para os alunos do Curso de Graduação em Enfermagem durante a sua formação acadêmica, mais especificamente durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado, que visa o desenvolvimento de competências e habilidades nas atividades de cuidado e gerenciamento de serviços de Enfermagem e de Saúde. Através da autoavaliação, os alunos conseguem refletir melhor sobre os resultados de suas próprias ações e propor novos caminhos para superar as dificuldades e ampliar o seu conhecimento. Outro benefício da autoavaliação refere-se à possibilidade de discussões democráticas entre o professor e os alunos, à medida que as questões do ensino e aprendizagem são debatidas e estes são incentivados a exporem os seus pontos de vista e elaborarem melhor suas condutas.

**Palavras-chave:** Educação Superior, Enfermagem, Avaliação da Aprendizagem, Autoavaliação.

## Introdução

As transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas na sociedade contemporânea, têm refletido na Educação Superior, exigindo novas discussões sobre as práticas pedagógicas necessárias à formação dos profissionais da área de Saúde. No entanto, efetuar mudanças no processo de ensino-aprendizagem não é tarefa fácil, pois envolve ruptura com os modelos de ensino tradicional, bem como criar novos modelos de formação de profissionais, com mais capacidade de resposta as exigências e desafios do século XXI.

De modo a avançar a Educação Superior no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (Brasil, 2001) contemplam essas mudanças paradigmáticas ao determinarem que as universidades estimulem a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, solicitando a inovação e a qualidade do projeto político-pedagógico. Essas Diretrizes sugerem a busca de práticas pedagógicas construtivistas que possibilitem a formação de enfermeiros crítico-reflexivos, conscientes do seu papel na construção do próprio conhecimento e comprometidos com a cidadania, para se tornarem protagonistas de uma nova realidade social (CRUZ et al., 2017). Corroborando com essa ideia, Gatto Jr, Almeida e Bueno (2015) salientam que as práticas pedagógicas devem ser centradas na relação professor-aluno, em que cada um é considerado com seus conhecimentos e potencialidades, e devem estar envolvidos em todo o processo ensino-aprendizagem. O docente deve buscar práticas que estimulem no aluno a construção e trocas do conhecimento, com reflexões críticas sobre o contexto social e político, no qual a saúde faz parte.

Conforme Perez (2012), a avaliação é uma das práticas pedagógicas fundamentais do processo de ensino-aprendizagem e está interligada com todos os demais componentes do processo educativo. Sendo assim, não se pode pensar em avaliação da aprendizagem sem contextualizá-la no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Enfermagem, nas metodologias de ensino-aprendizagem e na construção das relações entre professor e aluno.

A avaliação da aprendizagem deve ser praticada dentro de um contexto pedagógico do Curso e necessita assumir a função de “subsidiar o ensino e a aprendizagem bem-sucedidos no interior de um projeto pedagógico” (LUCKESI, 2011, p. 148). A condição importante para que isso aconteça é que “a avaliação não põe nas mãos do educador o poder de aprovar ou reprovar, mas sim o poder de partilhar eficientemente um caminho de aprendizagem, desenvolvimento e crescimento” dos alunos (p. 203).

Haydt (1997, p. 156) enfatiza que a avaliação “deve ser, sempre que possível acompanhada e complementada pela autoavaliação”. Se pretendemos que nossos alunos sejam participativos no processo de aprendizagem, eles devem tornar-se ativos também no processo de avaliação. Para isso, a relação entre o professor e o aluno deve ser de constante discussão e reflexão para a produção do conhecimento necessário.

Um estudo desenvolvido por Oliveira; Saccomann e Jeneral (2014) aponta que o exercício contínuo da autoavaliação auxilia os alunos de Graduação em Enfermagem a identificarem seus aspectos positivos e suas fragilidades, e permite também que eles reflitam sobre os resultados de

suas próprias ações e que possam propor novos caminhos para superar dificuldades de aprendizagem na construção de conhecimento. Dessa forma, a autoavaliação ajuda o desenvolvimento da percepção do aluno na superação dos seus limites, à medida que o aluno discute com o professor sobre suas dúvidas e questionamentos.

A pesquisa realizada por Krozeta; Meier e Danski (2008) revela que, a autoavaliação, inserida nas práticas avaliativas dos professores de Graduação em Enfermagem, proporciona a participação ativa dos alunos no seu desenvolvimento, favorece a reflexão acerca de sua aprendizagem e contribui na formação profissional e autonomia. A autoavaliação é um processo avaliativo, que ajuda o aluno a perceber a sua responsabilidade na sua formação profissional.

A autoavaliação cria possibilidades de discussões democráticas entre o professor e o aluno, à medida que as questões sobre o ensino e aprendizagem são debatidas e os alunos são incentivados a expor os seus pontos de vistas. Dessa forma, ele tem a oportunidade para pensar as suas falas e elaborar melhor suas condutas. Para o professor, a autoavaliação oportuniza um melhor conhecimento e subsídios sobre a aprendizagem dos alunos, para que o processo de avaliação seja mais justo, pois, muitas vezes, alguns aspectos ficam difíceis de serem captados apenas pela avaliação e observação dos professores.

Sob a perspectiva acima, torna-se importante oportunizarmos a autoavaliação para os alunos do Curso de Graduação em Enfermagem, durante a sua formação acadêmica - mais especificamente durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado - que visa o desenvolvimento de competências e habilidades nas atividades de cuidado e gerenciamento de serviços de Enfermagem e de Saúde.

É necessário ampliarmos os estudos sobre os benefícios da autoavaliação da aprendizagem, dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem, no Estágio Curricular Supervisionado, pois buscamos alunos críticos e participativos na construção do seu conhecimento e formação profissional.

O presente estudo tem por objetivo analisar os benefícios da autoavaliação da aprendizagem, dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem, no Estágio Curricular Supervisionado.

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente discutimos o conceito de avaliação da aprendizagem; na sequência, analisamos os benefícios da autoavaliação no Estágio Curricular Supervisionado; ao final, apresentamos algumas considerações sobre a importância dos docentes buscarem alternativas de avaliação.

## A Avaliação da Aprendizagem

Na literatura educacional encontramos diferentes formas de conceituar a avaliação da aprendizagem. Aqui apresentamos alguns teóricos, como: Haydt (1997), Vasconcellos (1998), Perrenoud (1999), Hoffmann (1993) e (2005) e Luckesi (2011).

De acordo com Haydt (1997, p. 10), “avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores”. O termo *avaliação* comumente é associado à provas, exames, notas, conceitos e aprovação ou reprovação. Mas, no contexto dos avanços nas práticas pedagógicas atuais, avaliação deve assumir dimensões mais complexas, indo além de atribuir notas, ou verificar simples mudanças de comportamentos nos alunos. Mas, para isso é necessário mudar o entendimento sobre a própria função da avaliação.

Haydt (1997, p. 17) descreve três funções da avaliação: diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com o propósito de verificar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos exigidos. Isto é, se eles possuem os conhecimentos e habilidades necessários para a construção de novas aprendizagens. “É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los”.

A avaliação formativa pode ser realizada durante todo o decorrer de um período letivo, com o enfoque de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos propostos, isto é, se obtiveram as aprendizagens necessárias durante a realização das atividades. É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece suas dificuldades e potencialidades e encontra estímulo para um estudo contínuo. Essa modalidade de avaliação está muito relacionada “ao mecanismo de *feedback*, à medida que também permite ao professor detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo” (HAYDT, 1997, p. 18).

Finalmente, a avaliação somativa, realiza-se ao final de um curso, período ou ano letivo, ela permite classificar os alunos de acordo com o nível de aproveitamento, geralmente tendo em vista sua promoção de uma etapa para outra. O professor deve associar as três funções descritas da avaliação, para aumentar as chances de “garantir a eficiência do sistema de avaliação e a eficácia do processo ensino-aprendizagem” (HAYDT, 1997, p. 18).

Hoffmann (1993, p. 34) ao definir uma avaliação mediadora descreve a necessidade de “prestar muita atenção” nos alunos, procurar conhecê-los e através do diálogo, criar espaços de discussão e reflexão que colabore com o processo de aprendizagem. A avaliação mediadora visa contribuir para uma formação mais crítica e reflexiva dos alunos, sendo uma prática avaliativa muito mais desafiadora para o professor, pois busca a construção e trocas do conhecimento. Para Hoffmann (2005, p. 19), “avaliar é dinamizar oportunidades de reflexão” e exige uma participação constante do professor, propondo sempre ao aluno novos desafios e metas. Dessa forma, a avaliação passa a representar a busca incessante pela compreensão das dificuldades do aluno e de novas oportunidades de desenvolvimento na sua formação.

Conforme Perrenoud (1999, p. 78), a avaliação formativa compreende “toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino”. Assim, a avaliação perpassa por todo o processo de aprendizagem, e cabe ao professor observar o caminho que o aluno já percorreu e o que lhe resta ainda percorrer e melhorar, para a obtenção do aprendizado desejado.

### **Explorando os benefícios da Autoavaliação no Estágio Curricular Supervisionado**

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (Brasil, 2001) preconizam que na formação do Enfermeiro, além dos conteúdos teóricos e práticos desenvolvidos ao longo de sua graduação, ficam os cursos obrigados a incluir no currículo o Estágio Curricular Supervisionado, a ser realizado em hospitais gerais e especializados, ambulatorios, rede básica de serviços de saúde e comunidades, no último ano do Curso de Graduação em Enfermagem.

O Estágio Curricular Supervisionado (Brasil, 2001) representa, para o aluno, uma oportunidade de desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais nas atividades de atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento de serviços de enfermagem e de saúde, e educação permanente.

Na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno, em Estágio Curricular Supervisionado, pelo professor, deve ser assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde onde se desenvolve o referido estágio. A carga horária mínima do estágio deverá totalizar 20% (vinte por cento) da carga horária total proposta para o Curso de Graduação em Enfermagem, que são 4.000 horas (BRASIL, 2001).

Nesse estágio seria importante para a formação do aluno que ele participasse ativamente do seu processo de avaliação, cabendo ao professor estimular essa ação, discutir metas de aprendizagem e o desenvolvimento de competências. É importante observar que o desempenho do aluno, no decorrer do estágio, depende do seu esforço individual, da sua interação com o professor e demais profissionais da instituição de saúde que o recebe.

Mitre et al. (2008, p. 2138) enfatiza a necessidade do processo de avaliação da aprendizagem ser contínuo e formativo, proporcionar a inclusão, desenvolver a autonomia e diálogo, na busca de caminhos para os desafios e problemas encontrados. A avaliação não resolve todos os desafios e problemas educacionais, mas quando o docente tem a clareza “do que deve avaliar, quando avaliar, para que avaliar e de que forma avaliar”, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais transparente. Para que isso seja viável na prática é necessário estabelecer critérios de avaliação, os quais servirão de referência para que se possa avaliar algo. É importante que o professor dialogue com o aluno sobre os critérios do processo avaliativo, assim aumenta as chances de interação entre os sujeitos envolvidos no processo (VASCONCELOS; BACKES e GUE, 2011, p. 122).

Dentre as práticas avaliativas que o professor utiliza durante a realização do estágio, a autoavaliação é um recurso para o desenvolvimento de habilidades importantes para a prática do futuro enfermeiro, à medida que propicia ao aluno vivenciar a autonomia e participar no seu processo de ensino-aprendizagem. Essa opção permite que o discente reflita “sobre si mesmo e a construção do conhecimento realizado” (OLIVEIRA; SACOMANN e JENERAL, 2014, p. 3).

Haydt (1997, p. 148) salienta que muitos alunos, ao realizarem a autoavaliação, apresentam análise pouco objetiva e dificuldades na capacidade de falar de si próprios. Apesar desse cenário, “o professor deve incentivar a participação do aluno na avaliação do seu próprio desempenho, pois a capacidade de se autoavaliar, como toda habilidade, é suscetível de desenvolvimento pela prática constante”. É necessário que o professor possa orientar os aspectos necessários para autoavaliação do aluno, começando por expor suas responsabilidades, como: relacionamento com os colegas e professores, elaboração de trabalhos individuais e em grupo, atitudes frente a conflitos em sala de aula, projetos pessoais e acadêmicos, etc.

A autoavaliação direciona o aluno para “a análise do que aprendeu do conteúdo, bem como o que deveria ou gostaria de ter aprendido”. Essa prática possibilita ao aluno maior responsabilidade



com a sua formação profissional, à medida que os conhecimentos e experiências são construídos e autoavaliados de forma gradativa e contínua (KROZETA; MEIER e DANSKI, 2008, p.614).

Para Hoffmann (2005), a autoavaliação só tem o seu papel de destaque nos processos avaliativos, quando o aluno apresenta um entendimento sobre suas aprendizagens e limitações no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ao discutir sobre suas estratégias de aprendizagem, o aluno alarga o campo de sua percepção. Esse processo reflexivo se desenvolve no dia-a-dia dos espaços de aprendizagem, pelo exercício do aluno de pensar sobre o seu conhecimento, sobre suas atitudes, ideias e tarefas realizadas.

Quando à autoavaliação fica vinculada à preocupação do aluno com notas e conceitos, há risco de distorção da sua função. Nesse contexto, essa “forma de avaliação perde todo o seu significado”. É muito importante oportunizarmos a autoavaliação, pois ela ajuda o aluno a se perceber no processo de aprendizagem (VASCONCELLOS, 1998, p. 49). Segundo Zabala (1998, p. 220), a autoavaliação “é um processo de aprendizagem de avaliação do próprio esforço”, ou seja, é um processo em que o aluno pode acompanhar a evolução das suas competências e habilidades, e realizar as adequações e correções necessárias da sua participação no processo.

## **Conclusões**

A investigação desenvolvida nos permite argumentar que a avaliação deve ser, sempre que possível, acompanhada e complementada pela autoavaliação. Isso tornaria possível que os alunos sejam mais críticos, reflexivos e ativos no processo de avaliação.

O exercício contínuo da autoavaliação pode auxiliar os alunos do Curso de Graduação em Enfermagem a identificarem aprendizagens consolidadas e aquelas a melhorar no Estágio Curricular Supervisionado. Pela autoavaliação, eles conseguem refletir melhor sobre os resultados de suas próprias ações e propor novos caminhos para superar as dificuldades e ampliar o seu conhecimento.

A análise dos argumentos dos teóricos afirma a importância de oportunizarmos à autoavaliação para os alunos do Curso de Graduação em Enfermagem durante a sua formação acadêmica, mais especificamente durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado, que visa o desenvolvimento de competências e habilidades nas atividades de cuidado e gerenciamento de serviços de Enfermagem e de Saúde.

Um outro benefício da autoavaliação refere-se à possibilidade de discussões democráticas entre o professores e alunos, à medida que as questões do ensino e aprendizagem são debatidas e estes são incentivados a exporem os seus pontos de vista. Dessa forma, têm a oportunidade para pensar a sua fala e poder elaborar melhor suas condutas.

A análise realizada neste artigo sugere que a autoavaliação oportuniza ao professor um melhor conhecimento sobre os alunos. Com isso, o processo de avaliação pode ser mais justo, pois fornece mais informação sobre os aspectos difíceis de serem captados pela a avaliação e observação feita pelos professores.

O Estágio Curricular Supervisionado é uma oportunidade de vivência prática do aluno concluinte do Curso de Graduação em Enfermagem, em uma instituição de Saúde.

Finalmente, argumentamos que entre as práticas avaliativas que os professores utilizam no estágio, a autoavaliação seria um recurso fundamental para estimular o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para o futuro enfermeiro. Essa abordagem propicia ao aluno uma autonomia e participação na sua formação, ou seja, o discente poderá refletir sobre si mesmo, suas competências e habilidades e sobre a evolução do conhecimento.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N°. 9394. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília: Senado, p. 1-37, 2001.

CRUZ, R. A. O. et al. Reflexões à luz da Teoria da Complexidade e a formação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 01, p. 236-239, jan-fev, 2017.

GATTO JR., J. R; ALMEIDA, E. J.; BUENO, S. M. V. Docência no ensino superior: uma revisão sobre tendências pedagógicas que permeiam o cotidiano do enfermeiro docente. **Arquivos de Ciências da Saúde**, Umuarama, v. 19, n. 2 p. 125-138, maio-ago. 2015.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2005.



KROZETA, K.; MEIER, M. J.; DANSKI, M. R. A auto-avaliação: uma possibilidade de mudança na formação profissional. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 13, n. 4, p. 612-615, out./dez. 2008.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2011

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino e aprendizagem na formação em saúde: debates atuais. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 2133-2143, 2008.

OLIVEIRA, R. A.; SACOMANN, I. C. R.; JENERAL, R. B. R. O papel da autoavaliação dos estudantes de enfermagem nas sessões de tutoria. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – UNISO, 2014, Sorocaba. **Anais**. Sorocaba: UNISO, 2014. p. 1-9.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PEREZ, I. L. Avaliação de aprendizagem: representações e concepções. In: SILVA, M. H. A.; PEREZ, I. L. **Docência no ensino superior**. Curitiba: IESDE, 2012. p. 47-61.

VASCONCELOS, C. M. da C. B.; BACKES, V. M. S.; GUE, J. M. La evaluación en la enseñanza de grado en enfermería en América Latina: una revisión integrativa. **Global Enfermería**, Murcia, n. 23, p. 118-139, julio 2011.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.